

“SOU UM FILHO DO SERVIÇO NACIONAL DE SAÚDE”



Diretor do Serviço de Nefrologia da atual Unidade Local de Saúde (ULS) de Coimbra entre 2016 e março de 2025, o Prof. Rui Alves assumiu desde cedo um papel ativo e importante no desenvolvimento científico da especialidade em Portugal, conjugando a atividade clínica com o ensino e a investigação. A sua carreira de excelência levou a Sociedade Portuguesa de Nefrologia (SPN) a atribuir-lhe, este ano, o título de membro honorário. Apesar de aposentado, aos 68 anos, o nefrologista mantém o olhar analítico sobre o rumo da Nefrologia e do Serviço Nacional de Saúde (SNS), como revela nesta entrevista, na qual também recorda alguns dos momentos mais marcantes da sua dedicação à Medicina e à docência.

Pedro Bastos Reis Nuno Branco

Destaques da entrevista filmada com o Prof. Rui Alves



e nas doenças autoimunes com atingimento renal, para as quais os agentes biológicos se revelam uma arma surpreendente. No entanto, os novos fármacos têm, quase sempre, encargos significativos para o SNS, que devem ser ponderados na perspetiva do custo-benefício.

Como surgiu o seu interesse pela Medicina e, depois, pela Nefrologia?

Sempre fui muito curioso pelas Ciências Naturais, sobretudo pela Biologia e pela Bioquímica. A escolha da Medicina deveu-se à vontade em desenvolver o exercício da clínica, contactando com os doentes e com a diversidade dos diagnósticos e terapêuticas. Após o curso de Medicina, os quatro anos de serviço médico à periferia foram muito preenchidos pela Medicina Interna, que me mostrou a importância de uma visão integradora das diferentes patologias. Foi nessa altura que comecei a interessar-me pela vertente renal, que, embora menos conhecida e aprofundada, desempenhava sempre um papel importante na fisiopatologia. Quis abraçar esse desafio e entrei no Serviço de Nefrologia dos Hospitais da Universidade de Coimbra em 1985, na altura dirigido pelo Prof. Adelino Marques.

O Prof. Adelino Marques foi importante no seu percurso?

Foi o meu mentor, indiscutivelmente! Além do estímulo, deu-me formação científica e humana. O Prof. Adelino Marques sabia cultivar o potencial técnico e científico que observava em cada pessoa. Por sua via, comecei por ser assistente convidado da cadeira de Nefrologia na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra [FMUC], dando assim início ao meu percurso académico.

Que principais transformações testemunhou ao longo dos anos na Nefrologia?

Vi a Nefrologia aproveitar muitos dos avanços nos exames de diagnóstico, no laboratório, na imagem e na anatomia patológica. O mesmo não se pode dizer sobre o tratamento da doença renal. A partir da década de 1970, quando a diálise começou a ser progressivamente aperfeiçoada, tornou-se o motor do avanço da Nefrologia em todo o mundo. No entanto, continuou a ser difícil travar a progressão da doença renal crónica [DRC] e tratar as nefropatias agudas. Ao contrário do que está a acontecer agora, ao longo dos anos, a indústria farmacêutica não investiu no tratamento das doenças renais. Atualmente, aproveitando “a boleia” da Cardiologia, da Endocrinologia e os avanços da biotecnologia aplicados à Imunologia e à Genética, existem moléculas que conseguem fazer a diferença na doença cardiorrenometabólica

Em 1995, fundou a consulta de transplantação renal e diabetes do seu Serviço de Nefrologia. Porque se tornou necessária esta resposta?

Na realidade, foi uma cofundação com a Dr.ª Margarida Bastos, endocrinologista. Era necessário assegurar que, quando necessitam de diálise, os doentes diabéticos, tal como os outros, podiam ter a oportunidade de serem transplantados. A complexidade da avaliação clínica e do seguimento destes doentes no pré e no pós-transplante justificou a criação desta consulta, numa parceria que se mantém até hoje. De realçar que, na ULS de Coimbra, a componente não cirúrgica da transplantação renal é totalmente assegurada pelo Serviço de Nefrologia.

O que mais o fascina na transplantação renal?

A complexidade dos aspetos fisiopatológicos, a importância da ciência fundamental na investigação e a procura incessante de saber cada vez mais para impedir a rejeição e prolongar a duração do enxerto. Outro desafio é o controlo dos imunossuppressores. No entanto, o que mais me realiza é a vivência do contacto com os doentes e saber que faço algo concreto pela sua qualidade de vida.

PROF. RUI ALVES, COM AS EQUIPAS QUE DIRIGIU, NA ULS DE COIMBRA



1 – Equipa médica (internos e especialistas de Nefrologia) do polo dos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC).



2 – Equipa de enfermagem e de assistentes técnicos de Nefrologia do polo dos HUC.



3 – Equipa de médicos, enfermeiros e assistentes técnicos de Nefrologia do polo do Hospital Geral.

Fotografias captadas no início de 2025, antes da aposentação do Prof. Rui Alves.

❗ Em 2016, assumiu a direção do Serviço de Nefrologia. O que o levou a aceitar o desafio e qual o seu balanço dos quase nove anos nessa função?

Em meu entender, quem aceita um lugar de direção de um Serviço deve ter como primeira preocupação manter o legado bom que recebeu e, preferencialmente, melhorá-lo, acrescentando valor. Com a equipa que dirigi, penso que conseguimos cumprir esses objetivos, dinamizando a vertente assistencial e as componentes de ensino e investigação. Neste momento, temos 14 assistentes convidados de Nefrologia na FMUC (quando entrei, eram apenas três) e seis colegas estão em programa de doutoramento, dois deles quase a terminar. Todos os assistentes de Nefrologia da FMUC são especialistas do Serviço de Nefrologia da ULS de Coimbra, que está certificado desde 2019. A equipa que liderei honrou os desafios propostos, produzindo atividade científica de qualidade notável. Por outro lado, procurei sempre estabelecer pontes de contacto com outras especialidades, com departamentos de investigação da FMUC e com a comunicação para a sociedade civil.

❗ A pandemia de Covid-19 foi um grande desafio na sua direção?

Foi um desafio enorme para todos os hospitais e serviços, mas o SNS conseguiu responder a uma ameaça impensável. Certamente, no nosso Serviço de Nefrologia, como em todos, será sempre de assinalar a abnegação e o sentido do dever de todos os profissionais. A qualidade assistencial manteve-se, mas, como é evidente, a atividade científica esmoreceu, sendo possível recuperá-la logo em 2021 e 2022. É de referir que, em 2021, o Serviço de Nefrologia de Coimbra organizou o Encontro Renal, com o apoio da SPN. Como organizadores, estávamos reticentes, pois era o primeiro congresso presencial desde o início da pandemia, mas correu muitíssimo bem, tanto do ponto de vista social como científico, graças ao profissionalismo dos nossos nefrologistas e enfermeiros.

❗ Entre 2013 e 2015, foi editor-chefe do *Portuguese Journal of Nephrology and Hypertension* [atual *Portuguese Kidney Journal*] da SPN. O que priorizou nessa responsabilidade?

Depois de ter sido editor-adjunto [de 2005 a 2012], a convite do Dr. Fernando Carrera, fui seu sucessor no cargo de editor-chefe. O meu grande objetivo foi acrescentar valor a uma revista de qualidade, com muitos anos de publicação, que ajudou muitos nefrologistas, como eu, a cumprir um desígnio principal – publicar trabalho científico. Não foi tarefa fácil dada a preferência pela publicação primária em revistas internacionais. Ainda assim, penso que se garantiu a qualidade científica e conseguimos a indexação na biblioteca digital *online* SciELO, um fator decisivo para a atratividade da revista.

❗ O que mais destaca da sua carreira académica?

Os trabalhos para o doutoramento, nos quais combinei a investigação clínica com a investigação básica – sem saber, estava a fazer investigação translacional e nunca mais a abandonei. Depois, assistir à evolução da ciência e o contacto desafiante com os alunos, deparando-me com diferenças e semelhanças entre gerações, com componentes muito diferentes ao nível científico, humanístico e social.

❗ Como perspetiva o futuro do SNS?

Eu sou um filho do SNS, que, nos últimos 50 anos, marcou o panorama da assistência médica em Portugal. Contudo, encontramos-nos numa situação complicada, porque as gerações pensam diferente e a romantização da profissão já se perdeu. O maior desafio é conseguirmos convencer os futuros médicos a ficar no SNS. Uma das razões da “debandada” do setor público foi o fim das carreiras médicas, porque as pessoas gostam de se sentir reconhecidas pela diferenciação que atingem, e não só pelo dinheiro que ganham. Por outro lado, a par da vocação, que não existe em todos os que entram em Medicina, é indispensável remunerar condignamente os novos médicos e dar-lhes condições de trabalho, para que sintam que vale a pena ficar no SNS. Os próximos

HIGHLIGHTS CURRICULARES

1981: conclusão da licenciatura na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra (FMUC);

1985-1990: internato de Nefrologia nos Hospitais da Universidade de Coimbra;

1990-2025: nefrologista na atualmente designada Unidade Local de Saúde (ULS) de Coimbra;

1990-atualidade: docente na FMUC;

1999: conclusão do doutoramento em Medicina Interna/Nefrologia;

2001-atualidade: regente da disciplina de Nefrologia na FMUC;

2006-2009: membro da direção do Colégio da Especialidade de Nefrologia da Ordem dos Médicos;

2009-2015: membro da direção da Sociedade Portuguesa de Nefrologia;

2013-2015: editor-chefe do *Portuguese Journal of Nephrology and Hypertension*;

2016-março de 2025: diretor do Serviço de Nefrologia da ULS de Coimbra;

2021: presidente do Encontro Renal;

2025: designado sócio honorário da Sociedade Portuguesa de Nefrologia.

Após a aposentação do serviço público, no passado mês de março, Rui Alves encontra mais tempo para se dedicar à pintura, uma das suas atividades extraprofissionais.



tempos serão muito difíceis se não se fizer uma reflexão profunda sobre estes problemas, para além da preocupação em cumprir escalas.

❗ Encarou a sua aposentação (em março deste ano) com naturalidade?

Sim, tranquilamente, penso que fechei um ciclo da minha vida profissional. Entendo que, numa missão, é preferível sair pelo próprio pé do que ser “empurrado” por via administrativa e considero que saí numa boa fase. Não concluí tudo o que gostaria, mas penso que deixei caminho aberto para que outros o façam. Tenho o sentimento de dever cumprido, graças ao trabalho desenvolvido pela equipa que dirigi. Continuo a ser médico e a manter alguma atividade. Por outro lado, tenho agora mais tempo para dedicar à família e às minhas atividades extraprofissionais, como as viagens, a literatura e a pintura.

❗ Para terminar, que conselhos deixa a quem está a iniciar o seu caminho na Nefrologia?

Aconselho a manter o princípio que sempre adotei para mim – a curiosidade associada a um pouco de “dúvida sistemática”. Desafiem os dogmas e desenvolvam o sentido crítico, sempre com a consciência de que o trabalho em equipa é indispensável para produzir algo verdadeiramente importante. Devem valorizar-se a si próprios e ser persistentes, mesmo que o trabalho produzido não atinja reconhecimento imediato. Apesar de todas as dificuldades que conhecemos, é inequívoco que continuamos a ter excelentes especialistas e internos de formação específica, que tratam bem os doentes, ensinam e a fazem investigação. A meu ver, a direção da SPN ruma no sentido certo, pugnando pela qualidade e o prestígio da Nefrologia portuguesa. ■

SABIA QUE...

...em 2024, por ocasião do Dia Mundial do Rim, o Prof. Rui Alves lançou um livro infantojuvenil que alerta para a importância da prevenção da DRC?

Aprendendo a ensinar os adultos – um conto sobre a saúde dos rins e do coração é o título desta história centrada em duas crianças que sentem o dever de contribuir para a melhoria da saúde dos seus pais, que têm diabetes e hipertensão arterial.

